

MITOLOGIA, LITERATURA E EDUCAÇÃO: UMA APLICAÇÃO PEDAGÓGICA DE “OS DEUSES DE CASACA” DE MACHADO DE ASSIS¹

Filipe Aniceto dos Santos

Orientador: José Alexandre Ferreira Maia

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relacionar os temas “mitologia”, “literatura” e “educação” ao fazer uma aplicação pedagógica da obra teatral “Os deuses de casaca” de Machado de Assis. Para tanto, utiliza-se, principalmente, de Grimal (2011) quanto à mitologia grego-romana, das ideias de Peixoto (2017), quanto à relação entre mitologia e educação, Souza (2002), Pinheiro (2009) e Pinto (2020), quanto à abordagem do teatro machadiano e Cosson (2014), com sua proposta de uma sequência didática expandida, dividida em (1) motivação, (2) introdução, (3) leitura, (4) primeira interpretação, (5) contextualização, (6) segunda interpretação e (7) expansão. Assim, obtendo um material possível de ser utilizado por professores da educação básica.

Palavras-chave: Machado de Assis; Mitologia; Literatura; Educação; Teatro.

ABSTRACT

The objective of this work is to relate the themes of “mythology,” “literature,” and “education” by applying a pedagogical approach to the play “Os deuses de casaca” by Machado de Assis. To achieve this, it mainly draws on Grimal (2011) regarding Greco-Roman mythology, Peixoto's (2017) ideas on the relationship between mythology and education, as well as Souza (2002), Pinheiro (2009) and Pinto (2020), concerning the approach to Machado's theater, and Cosson (2014) with his proposal for an expanded didactic sequence, divided into (1) motivation, (2) introduction, (3) reading, (4) first interpretation, (5) contextualization, (6) second interpretation, and (7) expansion. This way, it aims to provide material that can be used by teachers in basic education.

Key-words: Machado de Assis; Mythology; Literature; Education; Theater.

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala em educação, geralmente, pensa-se em um contexto formal de ensino, em matérias pré-estabelecidas e em conteúdos canonizados. Todas as disciplinas certamente sofrem desse mal, todavia, a literatura, tende a

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras-Português Licenciatura, vinculado ao Departamento de Letras, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, com orientação do(a) Prof. Dr. José Alexandre Ferreira Maia.

ser vista presa às amarras das obras mais famosas dos autores mais famosos. Machado de Assis, infelizmente, não é uma exceção. Mesmo sendo um autor tão aclamado em meio à literatura brasileira, suas peças teatrais não possuem o destaque adequado ao brilhantismo nelas presente. A mitologia greco-romana, nesse contexto, e como possível tema a ser abordado, parece ser dispensada como uma introdução à filosofia, sendo logo abandonada para, enfim, os assuntos importantes terem seu lugar.

Por isso, ao analisar literária e pedagogicamente a obra “Os deuses de casaca” do Machado de Assis, pode ser feita uma relação entre a “literatura” e a “mitologia” de uma maneira que se possa apresentar outras facetas da obra do Bruxo do Cosme Velho e um olhar mais reflexivo aos mitos greco-romanos. No entanto, é preciso, antes de tudo, partir da importância da literatura na vida das pessoas, motivo pelo qual vale a pena insistir em que os alunos tenham seu repertório de leituras ampliado. Para Candido (1995), a literatura é um direito universal, que não deve ser negligenciado a nenhuma pessoa em nenhum lugar do mundo. A literatura, assim, faz parte da experiência humana e, conforme Aristóteles (2017), é ultrapassar as barreiras do evento histórico e ir para o campo do que poderia ser, sem, contudo, deixar de retratar as verdades universais do caráter humano.

Enquanto obras literárias, as peças teatrais de Machado de Assis seguem desconhecidas para um grande público por causa do que já foi dito de negativo sobre elas ao longo da história da literatura. No entanto, autores como Souza (2002), Pinheiro (2009), Schiavinatto (2011) e Pinto (2020), em seus trabalhos, buscam tirar essa imagem negativa das obras de Machado a fim de que o público e a crítica possam reavaliar o que foi dito e buscar novas percepções. Da mesma forma, Bernardo (2011) propõe que não se deve adequar o famoso escritor a nenhuma escola literária, tampouco ao realismo, pois sua genialidade ultrapassa os rótulos. A obra de Machado, diz ele, se assemelha em seu caráter metaficcional a William Shakespeare e Miguel de Cervantes.

“Os deuses de casaca”, sendo um exemplar das obras teatrais carrega

em seu drama os deuses do Olimpo em sua forma romana e Peixoto (2017) sugere uma ampliação no olhar pedagógico, pensando na vida como um todo e não pura e simplesmente nos conteúdos escolares pré-estabelecidos.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Mitologia e Educação

Primeiro, considerando a relação entre a mitologia e a educação, Peixoto (2017) traz uma abordagem em que “educação” é mais do que simplesmente as disciplinas formais que se aprendem na escola, pois é necessário “uma concepção ampla de educação, que extrapola aquilo que denominamos educação formal, ou seja, mais do que uma educação para a vida; uma educação *na vida*”. (Grifos do autor). Não é simplesmente aprender alguma técnica e utilizá-la, mas sobre fazer refletir sobre a própria vida, um estado de existência auto-reflexiva.

2.2.Literatura e Educação

Em segundo, é imprescindível aliar a relação da mitologia e da educação à literatura. Candido (1995), em seu famoso texto, “O direito à literatura”, expõe de maneira magistral que o fabular (narrar), contar histórias, não é mero entretenimento, algo supérfluo ou substituível, descartável, mas faz parte dos direitos universais de um ser humano. Toda civilização, diz ele, produz literatura e o ensino literário é dar acesso a grandes exemplares produzidos ao longo da história, mas também reconhecer as de seu tempo e de seu contexto.

Rosenfeld (1985) trata da teoria dos gêneros literários de uma maneira a abranger mais que seu uso clássico. No início, o autor menciona Platão e Aristóteles enquanto precursores da tríplice divisão dos gêneros em dramático, épico e lírico. A teoria dos gêneros, diz ele, foi combatida, mas é indispensável. Contudo, era preciso atualizar a teoria já que ao longo dos séculos os textos se tornaram cada vez menos “puros”. Assim, o autor divide

os gêneros literários em substantivos e os subcategoriza em adjetivos. Os gêneros substantivos são as características mais evidentes dos textos, que podem ser identificados com maior facilidade, como, por exemplo, a dramática ser composta de personagens a serem encenados e sem a necessidade de um narrador que guie os eventos. A épica, por sua vez, além de apresentar personagens e narrador, tende a ser mais longa e a lírica, em seu lugar, é mais curta e apresenta uma expressão da alma, dos sentimentos. Esses, até então, são o que se considera normalmente como os “gêneros literários”. No entanto, Rosenfeld acrescenta os adjetivos para lidar com os gêneros que possuem traços estilísticos de outro. O gênero em si tende a ter seus próprios traços, mas não é incomum que se ache uma obra dramática-lírica, como, cita o próprio autor, Shakespeare, em que o gênero substantivo dramático ganha o adjetivo “lírico”. Portanto, pode-se falar de um texto épico-lírico, lírico-dramático entre outros.

Cosson (2014), ao falar de letramento literário, traz a sequência básica e a sequência expandida. Esta é, como o nome sugere, uma “expansão” daquela. Elementos como “motivação”, “introdução”, “leitura” e “interpretação”, compõem a primeira, enquanto à segunda são acrescentados “contextualização”, “segunda interpretação” e “expansão”. A ideia é propor uma forma teórica para ser aplicada em aulas do ensino básico, como foi feito autor, segundo relato de sua obra. As considerações iniciais são relacionadas ao fato de que o ensino de literatura era muito deslocado do texto em si e voltado para questões teóricas e históricas relacionadas à obra. Ao produzir e aplicar a sequência básica, Cosson visava aproximar o aluno das práticas de leitura literária. Com a sequência expandida, no entanto, ele passou a considerar a importância dos elementos teóricos e históricos para “ampliar” a experiência com a obra e a partir dela. O autor menciona que a demanda foi observada por ele no modo como os professores, em especial do ensino médio, utilizavam sua sequência básica, como “suplemento” (p.76) e não como forma de trabalhar a própria literatura com seus alunos. Os professores pareciam sentir falta e a necessidade de trabalhar, também, a teoria e a história. Nesse contexto, e a partir dessa demanda, a “sequência expandida” é desenvolvida.

Assim, é possível, a partir dela, haver uma experiência literária sem deixar de refletir sobre os aprofundamentos que dela podem decorrer ao se utilizar de outros conhecimentos para enriquecer a prévia leitura.

Para definir literatura de maneira um pouco mais restrita, Aristóteles (2017) traz uma definição da arte poética, a produção literária em si, compara-a com obras históricas, ao dizer que

Com efeito, o historiador [...] e o poeta diferem entre si não por descreverem eventos em versos ou em prosa (poder-se-iam apresentar os relatos de Heródoto em versos, pois não deixariam de ser relatos históricos por se servirem ou não dos recursos da metrificação), mas porque a um se refere aos eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter ocorrido. Eis por que a poesia é mais filosófica e mais nobre do que a história: a poesia se refere, de preferência, ao universal; a história, ao particular (p.97).

Com isso, é possível dizer que a obra literária visa descrever eventos como poderiam ser e não simplesmente como, de fato, ocorreram. Nesse contexto, é possível observar a posição de Aristóteles quanto à narrativa da *Ilíada* e da *Odisseia*, por exemplo, em que, para além dos fatos em si, narra-se o que poderia ter acontecido. Mesmo quando o assunto é meramente o mito, os poetas narravam de modo distinto o mesmo mito, mudando algumas características, às vezes, até eventos, como ocorrem nas obras homônimas de Sófocles e Eurípides. O caráter “universal” citado refere-se à capacidade de gerar identificação por parte do público. Seus temas não dizem respeito a alguma figura histórica em algum lugar, mas ao ser humano em si.

Além disso, o filósofo aborda os três aspectos da “mimese” (produção poética), pois elas podem ser “[...] em diferentes meios, ou bem de diferentes objetos, ou bem porque mimetizam diferentemente, isto é, não do mesmo modo”. (*idem*. p.39). Vieira (2015), interpretando-as a partir da obra do autor grego, diz que os aspectos segundo o “meio” são um “[...] critério formal: o uso do ritmo, do canto e do metro como fatores de diferenciação entre os poemas [...]” (p.44). Quanto ao “objeto” diz que é “critério temático: a mimetização da ação dos homens segundo a sua índole elevada ou baixa” (*ibid*) e quanto ao

“modo” é o “[...] princípio enunciativo, a maneira como se efetua a imitação: na primeira, na segunda ou na terceira pessoas.” (*Ibid*). Em sua obra, Aristóteles aplica esses aspectos ao tratar dos mais diferentes gêneros, tanto épicos, como a epopéia, quanto dramáticos, como a tragédia e a comédia.

2.3. Machado de Assis: Mitologia, Literatura e Educação

Pinheiro (2009) traz a tona a questão do teatro de Machado de Assis, revisitando críticas publicadas sobre as peças do Bruxo do Cosme Velho para mostrar que as depreciações que foram feitas ao autor se devem mais a uma espécie de preconceito quanto a tudo que divergia ao que estava em destaque no teatro da época, o recém chegado teatro realista francês. Por sua vez, Machado se apropriou dos Provérbios Dramáticos para compor seus textos e, por isso, não foi amplamente aceito. Pinheiro (2009), com isso, mostra que, a partir de críticas mais recentes e distanciadas do contexto da época, as peças do autor têm sim qualidade e devem ser melhor recebidas e mais estudadas.

Bernardo (2011) defende que, não sendo o único nem o primeiro, que a genialidade de Machado de Assis não se limita a uma escola literária e chamá-lo “realista” ou “romântico” seria inapropriado. A isso é importante destacar que a análise de sua obra pode abarcar o contexto literário em que foi produzido, mas jamais limitá-lo ao seu tempo, enquadrando-a em um ou outro período e deixando de observar seus traços distintivos. Bernardo (2011) cita Carlos Fuentes para reformar a menção de Machado, se utiliza da metaficção, uma narrativa auto referenciável, sobre a própria ficção e o fazer ficcional (p.75).

3. Procedimentos metodológicos

Em um primeiro momento, foi feita uma análise crítica da obra “Os Deuses de Casaca” de Machado de Assis e, a partir dela, com a finalidade de aplicar a obra pedagogicamente, foi produzida uma sequência didática baseada na “sequência expandida” conforme Cosson (2014). Para a análise, bem como para a sequência didática, foram consideradas as competências

referentes à área de “Linguagens e suas tecnologias” e as respectivas habilidades consideradas para o ensino de “Língua Portuguesa” e de “Literatura” encontrados na Base Nacional Comum Curricular (2018). A intenção ao utilizar a BNCC e suas nomenclaturas foi a de viabilizar a aplicação didática dos conteúdos deste artigo em escolas brasileiras, haja vista ser um documento normativo da educação básica no território brasileiro, tanto para escolas públicas quanto privadas.

Para analisar a obra, utilizamos de comentários críticos sobre a obra de Machado de Assis em geral como Pinheiro (2009), Bernardo (2011) e Schiavinatto (2011), mas também sobre “Os deuses de casaca” em específico, como Pinto (2020) e Souza (2022). Apesar de ainda não ser a aplicação pedagógica em si, considerar a relação entre mitologia, literatura e educação na análise foi de suma importância para o que se desenvolveu posteriormente na sequência didática. Para tal relação, é imprescindível a abordagem de Peixoto (2017), principalmente no que diz respeito a pensar a educação para além do tecnicismo.

Na primeira parte da análise, foi feito um panorama da obra teatral de Machado de Assis, introduzindo elementos comuns à sua produção no gênero dramático. Na segunda parte, considerou-se em específico a peça em análise, dividindo-a em temas próprios da reflexão literária e filosófica. Os personagens têm uma seção especial, em que cada um deles é considerado em seu próprio contexto mitológico. Para tanto, foi utilizado em grande medida o “Dicionário da Mitologia Grega e Romana” de Pierre Grimal (2005).

Para a sequência didática, foram adotados os elementos expostos em Cosson (2014): (1) Motivação; (2) Introdução; (3) Leitura; (4) Primeira interpretação; (5) Contextualização; (6) Segunda interpretação e (7) Expansão.

Na primeira etapa, a “motivação”, etapa anterior à leitura, deve ser exposto ao professor um modo a interessar os alunos na obra a ser lida. Aqui, podem ser considerados vídeos, textos curtos, imagens, algo que não ocupe muito tempo nem possa tirar o foco da obra posterior. Considerando o curto

tempo, deve-se pensar numa “atividade de motivação” para somar-se aos efeitos dos elementos semióticos utilizados anteriormente.

Na segunda etapa, a “introdução”, deve-se expor ao professor meios de iniciar sua fala quanto a obra a ser lida pelos estudantes. É possível fazê-lo de três formas, de acordo com Cosson (2014): (1) Tematicamente; (2) Aproveitando o acervo da biblioteca; (3) leitura das primeiras páginas. O primeiro, trata-se de orientar o docente a considerar o tema e descrever como pode situar a obra a partir dele. O segundo apropria-se da estrutura da instituição do professor, o que dependerá desta e da obra a ser lida. A terceira, e última, forma, é mais direta, em que se orientará o docente a ler tais páginas, mas não necessariamente, todos os parágrafos, selecionando alguns, a depender da finalidade pretendida.

Na terceira etapa, a “leitura”, deve-se organizar as orientações de onde e como serão feitas leituras, em sala de aula, coletivamente, ou outro local, de maneira individual. Para esse momento, deve constar intervalos e, neles, leituras paralelas, sejam elas audiovisuais ou literárias para complementar e enriquecer a experiência durante o processo.

Na quarta etapa, a “primeira interpretação” deve-se propor atividades que possam ser feitas pelos alunos, no que concerne, em especial a produção textual, para a percepção por parte do professor da apreensão global da obra que cada estudante obteve.

Na quinta etapa, a “contextualização”, o direcionamento é dividido em sete outras partes: (1) teórica; (2) histórica; (3) estilística; (4) poética; (5) crítica; (6) presentificadora e (7) temática. Cada uma delas tem seu aspecto singular e necessitam que sejam desenvolvidas atividades para que o docente apresente aos discentes. Apesar de ser possível e recomendável que se façam pesquisas, é necessário que jamais se considere o “contexto” à parte do texto em si. Cosson diz que “[...] toda vez que leio um livro estou lendo seu contexto, simplesmente porque texto e contexto se mesclam de tal maneira que resulta inútil estabelecer fronteiras entre eles.” (2014, p. 86). e, portanto, o “[...]”

contexto é aquilo que a obra traz consigo, que a torna inteligível para mim enquanto leitor” (*ibid*, p. 86).

Na sexta etapa, a “segunda interpretação”, Cosson (2014) elabora a ideia de que se deve propor ao docente em sala de aula fazer uma atividade baseada na etapa de contextualização. Deve-se propor a escolha de um ou mais dentre os sete para a produção textual desta etapa. Assim, um gênero textual deve ser escolhido para que seja o meio pelo qual o aluno se utilizará para concretizar em palavras o aprofundamento desenvolvido na etapa anterior.

Na sétima etapa, por fim, a “expansão”. Nesta, deve-se propor a conexão entre a obra lida e outras produzidas em seu tempo ou em outro com as quais se possa ampliar as reflexões até então construídas. A palavra central nesse momento é “intertextualidade”. “Quais relações intertextuais podem ser feitas?” é a pergunta a ser respondida.

4.Análise

4.1. O Teatro de Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis, um dos maiores nomes da literatura brasileira, é conhecido nacional e internacionalmente por seus romances, em especial, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899). Seus contos também ganharam grande repercussão, ainda que, em certa medida, menor que seus romances. Nesta escada, infelizmente, descendente em reconhecimento, a produção teatral de Machado se junta a seus poemas. No entanto, ainda que as peças dele não tenham tido o mesmo destaque que seus contos e romances, não se deve desconsiderar o valor literário de tais obras, sejam elas compostas em um tempo de maior maturidade (após 1881) ou não.

A produção teatral acompanhou a vida literária do autor desde o início. É possível observar que mesmo enquanto produzia seus romances não cessou de escrever e publicar suas peças. Estas, assim como suas demais obras,

foram ganhando novos contornos e, apesar de sempre optar pelos Provérbios Dramáticos, é perceptível os ganhos de traços estilísticos e na maturidade na abordagem dos temas. Pinheiro (2009) diz que “[...] *Não consultes médico e Lição de botânica*, publicadas respectivamente em 1896 e 1906, são consideravelmente mais bem acabadas que as primeiras, escritas na década de 1860.” (p.145. Grifos nossos). Afirmar a genialidade de Machado de Assis não é desconsiderar que houve um desenvolvimento, em que as últimas obras são maiores que as primeiras, mas perceber, mesmo nas antigas, as sementes do que haveria de vir e atribuir-lhes o mérito.

Em ordem cronológica, temos: “Hoje avental, amanhã luva” (1860); “Desencantos” (1861); “O caminho da porta” (1863); “O protocolo” (1863); “Quase ministro” (1864); “Os deuses de casaca” (1866); “A bota de rapé” (1877); “Só tu, puro amor” (1880); “Não consultes médico” (1899) e “Lição de botânica” (1906). Além dessas, há “As forças caudinas”, escrita ainda em sua juventude, mas que permaneceu longe do acesso do público, sendo, apenas, publicada, finalmente, em 1956, cerca de quarenta e oito anos após a morte do Bruxo do Cosme Velho.

4.2. Os deuses de Casaca: Mitologia e Literatura

A peça “Os deuses de Casaca” de Machado de Assis foi publicada em 1866, em um contexto muito específico, em um clube de amigos do autor, em que seria apresentada ao público junto a eles. Nela, o autor se utiliza dos deuses romanos (Júpiter, Mercúrio, Apolo, Proteu, Vulcano e Cupido) para criar uma narrativa, escrita em versos alexandrinos, o que dá um ar épico e lírico em muitos momentos. Ao longo do texto, é possível observar as investidas de Cupido em convencer os demais deuses a abandonarem a condição de divindade e tornarem-se humanos, como ele mesmo fez. Com isso, pode-se ver o gradual “virada de casaca” dos deuses, em mudar de lado, daí o nome da peça, advinda, muito provavelmente, da expressão comum: “virar a casaca”. Os deuses, por sentimentos humanos e com aspirações humanas, deixam de simplesmente parecer humanos em suas posturas, como nos antigos mitos greco-romanos, mas se tornam humanos de fato. É interessante, portanto,

analisar a obra de Machado de Assis, contextualizando-a intertextualmente com a mitologia romana, sem perder de vista que é uma recriação da genialidade do autor e aplicá-la ao contexto dos alunos de ensino médio, em especial do 2º ano. A escolha da série não é ao acaso, pois é nesse momento em que Machado de Assis é apresentado, entre o romantismo e o realismo literário no Brasil.

A humilhação dos deuses

“Se a história os dispersou, se o Calvário os baniu,/A arte, no mesmo amplexo, a todos reuniu.” (MACHADO DE ASSIS, 2003, p.34)

É importante ressaltar esta fala do Epílogo em relação aos deuses do Olimpo. A mitologia greco-romana já não possui espaço na cultura ocidental enquanto elemento religioso. Não há quem devote sacrifícios a Júpiter, ou clame a Marte para obter uma vitória em campo de batalha. A “história”, diz a personagem, os dispersou e o “Calvário” os baniu. Nesta última, há a clara menção ao cristianismo, religião que não só cresceu como predominou em todo o ocidente, tomando o lugar do que se entendia como “paganismo”, banindo, assim, os deuses do Olimpo, relegando-os a uma memória. No entanto, a arte, que, conforme Aristóteles (2015), não existe para retratar a realidade tal qual é, mas como poderia ser, resgata os mitos para, neles e com eles, impactar a vida do homem moderno. Nessa reflexão, os deuses não são o que eram para os antigos, nem precisam ser, mas suas histórias, envoltas de humanidade, podem nos atravessar em nosso próprio tempo e trazer reflexões tão atuais quanto o podiam fazer em sua época.

A ideia de uma divindade tornar-se humana não é estranha ao ocidente, tendo em vista a principal narrativa da ortodoxia cristã ser, justamente, a encarnação de Cristo. Não parece ser sem propósito traçar uma relação entre a obra de Machado e o conceito da encarnação para o cristianismo. O Bruxo do Cosme Velho sempre se utilizou de elementos cristãos para tecer não apenas conexões com a cultura ocidental, mas para fazer o leitor refletir sobre suas crenças e sobre si mesmo. Quando se fala dos deuses romanos após a

idade média é impossível não haver um contraponto às crenças ocidentais do cristianismo. Com isso em vista e considerando que os alunos com que se deparam os professores de literatura do ensino médio são, em grande parcela, ou auto declarados cristãos, sejam protestantes ou católicos, ou cristãos nominais, por terem sido influenciados por seu contexto social, é interessante que o professor possa se utilizar dessa relação para tecer reflexões, também, sobre a fé cristã. O intuito aqui não é catequizá-los, mas levá-los a refletir sobre suas crenças e sobre si mesmos sem que isso redunde em intolerância religiosa. A literatura, tendo como aliada a filosofia, deve ser um instrumento de reflexão e introspecção, em que o indivíduo volta para si e pensa em qual é o seu lugar no mundo.

Dentro da mitologia grego-romana, os seres humanos são criações divinas e, portanto, inferiores. No relato judaico-cristão, o ser humano é imagem e semelhança do divino, mas mesmo assim não é o próprio divino. O divino é eterno, a criatura, por sua vez, não é, o divino dispõe de poderes e status elevado, a criatura, não. Ao abdicar da condição divina e tornar-se humano, um deus abdicaria daquilo que lhe faz criador para passar a ser, também, criatura. É curioso como no cristianismo isso ocorre de maneira que o divino não perde sua natureza divina, mas de uma maneira em que ela coexiste com a natureza humana. Teologicamente, chamam isso de “união hipostática”. As naturezas não se fundem dando existência a uma terceira, mas permanecem lá, no mesmo Cristo, uma pessoa com duas naturezas distintas. Não é dessa forma que ocorre com os deuses do Olimpo na obra machadiana. Nela, os seres divinos abandonam a sua natureza divina e abraçam unicamente a natureza humana. No cristianismo, costuma-se chamar a encarnação de Cristo como “estado de humilhação”, em referência aos sofrimentos da condição humana, desde o nascimento até a morte, que jamais deveriam ser vivenciados por “Deus”. Continuar sendo “Deus” e unir-se a uma natureza humana é, culturalmente, chamado de “humilhação”, então, o que dizer de abandonar a condição divina e ser plena e unicamente humano? Os deuses de Machado de Assis têm uma difícil escolha a ser tomada ao longo do drama: aceitar uma condição de humilhação ou não?

O drama da escolha

O ser humano, em todo momento, está diante de escolhas que devem ser tomadas. No entanto, algumas decisões, uma vez tomadas, não podem ter seus efeitos revertidos. As consequências são inevitáveis. Nesse ponto, não é diferente das observações de Peixoto (2017) ao tratar da liberdade na tragédia “Édipo Rei”. A temática da liberdade em oposição ao destino é universal. Com a obra de Machado de Assis, é possível levar os alunos a refletirem sobre suas escolhas. O próprio ato de escolher já é motivo de reflexão por si. No entanto, o que os leva a decidir? Eles são totalmente livres em sua escolha ou há elementos que os influenciam? “Os deuses de casaca” é uma obra adequada a perguntas como essas. Do início ao fim, é possível observar seres do Olimpo diante da decisão de tornar-se humanos ou não. Cupido, por sua vez, tenta persuadi-los ao utilizar as próprias paixões deles contra eles. Escolheram porque quiseram ou a sua vontade foi tragada por algo que lhes dominou? A vontade é realmente livre ou subjugada ao contexto?

Os alunos de ensino médio, por estarem próximos ao fim de sua jornada na educação básica e caminharem rumo a maioria penal do Brasil (dezoito anos), costumam ser atravessados pelo peso das responsabilidades que a vida adulta traz consigo. É o momento de escolher qual faculdade fazer, se é que querem seguir em alguma, se querem trabalhar nessa ou naquela profissão. A vida amorosa não está distante deles também, mas, por mais que os tempos atuais venham quebrando cada vez mais a necessidade de casar-se ainda jovem, é normal que o anseio romântico e o desejo de ter algum parceiro ou parceira junto consigo seja uma das preocupações deles. Ironicamente, essas questões atravessaram os olímpicos da comédia de Machado também. Para decidir tornarem-se humanos, precisaram refletir sobre qual profissão aderir quando chegassem à humanidade. O fator romântico, ainda mais do que o profissional, foi determinante para a decisão dos seres divinos. Assim, esse tópico é muito útil para ser trabalhado na educação básica, por envolvê-los em seu contexto, mas não se limitar aos conhecimentos escolares propriamente ditos.

Os Personagens

A comédia, gênero adotado pelo autor para esta peça, é “[...] a mimese de homens inferiores; não, todavia, de toda espécie de vício: o cômico é apenas uma parte do feio.” (ARISTÓTELES, 2015, p.67). Com “inferiores”, em relação com a palavra “vício”, entende-se que são inferiores moralmente e em ações. Torna-se curioso o fato de que tais características sejam atribuídas a seres divinos. Os deuses e semideuses eram próprios para as epopéias e tragédias, haja vista ambos serem a “[...] mimese de homens de caráter elevado” (*ibid*, p.69). Os deuses, sendo ainda mais elevados que os homens, recebem mais destaque nesses gêneros “superiores”. No entanto, em sua obra, Machado de Assis subverte o padrão clássico e dá foco inteiramente nos seres divinos, mas não apenas isso: os retrata com um caráter inferior. Na mitologia greco-romana, os deuses já são muito humanizados, no sentido de se perceber neles vícios próprios dos homens. Todavia, não eram representados como motivo de riso, pois, por mais que, aos olhos ocidentais modernos, seja possível dizer que os deuses já possuíam tal caráter inferior, para os de sua época, não é bem assim. Os olímpianos eram seus deuses e, portanto, estavam acima do julgamento moral das criaturas.

Sendo assim, as personagens são apresentadas como deuses, mas não possuem a pompa nem a elevação moral que se espera de tais. Apolo, na cena VII, diz:

"Achamos, aqui está! é este o nosso Apolo!"
Compelido a deixar o Pégaso, desci;
E por não disputar, lá os deixei — fugi.
Mas, já hoje encontrei, em letras garrafais,
Muita ode, e soneto, e oitava nos jornais!
(MACHADO DE ASSIS, 2003, p.12)

O deus foge diante da adoração. Diante dele, aparecem pessoas e, ao perceberem ser o deus da beleza, anunciam publicamente. De alguma forma, Machado parece dizer que os deuses já não sabem ser deuses. Nesse trecho, Apolo ainda não havia decidido tornar-se humano, mas, na prática, ele já estava mais humano que nunca. Os “deuses” de Machado já são humanos

mesmo antes de decidirem tornarem-se humanos. São personagens inferiores, cheios de vícios e fraquezas. Não são os deuses das tragédias e epopeias, são, na verdade, os “deuses de casaca”.

É perceptível que, apesar de ser um exemplar do gênero comédia, é possível um certo “toque” lírico e às vezes épico nas falas das personagens. No prefácio da comédia, José Feliciano de Castilho apresenta algumas informações sobre as personagens, as quais devemos considerar.

“O autor não quis zombar dos deuses, não quis fazer rir os espectadores à custa dos antigos habitantes do Olimpo. Esta declaração é necessária para avisar aqueles que, dando ao título da comédia uma errada interpretação, cuidarem que vão ler um quadro burlesco, à moda do Virgile travesti de Scarron.” (MACHADO DE ASSIS, 2003, pp.1-2)

Assim, o olhar do leitor deve se direcionar para o que os deuses ali representam e, a partir deles, refletir sobre sua própria condição humana. O drama da peça, apesar de ser vivenciado pelos olímpianos, diz muito sobre o ser humano em si e, por isso, não é deles que se deve rir, mas de si mesmos. Analisar cada uma das personagens trará um aspecto diferente do caráter humano a ser pensado e discutido em sala de aula. Além disso, pode-se observar uma metaficcionalidade; a literatura falando sobre a produção literária. Quando os deuses decidem tornarem-se humanos, em grande parte, escolhem profissões relacionadas ao fazer literário. Nesse sentido, as reflexões propostas abrangem, de maneira universal, o ser humano e, de maneira particular, os escritores e críticos de literatura.

1.Júpiter

Grimal (2011) diz que “Júpiter é o deus romano assimilado a Zeus. É por excelência o grande deus do panteão romano. Surge como a divindade do céu, da luz divina, das condições climáticas, e também do raio e do trovão. [...]” (p.261). Na peça de Machado, o deus tem papel central, sendo a primeira personagem a falar e uma das que mais têm falas. Sendo o “grande deus do

panteão romano”, Júpiter é o que se mobiliza ao longo das cenas para fazer uma reunião entre os deuses a fim de tomar uma decisão quanto ao fato de os olímpianos estarem sendo esquecidos.

Logo no início, Júpiter confunde o som de um violão com a flauta do deus Pã. É claro que os instrumentos que inspiraram o violão são bem antigos, mas é importante destacar que o instrumento é próprio de um contexto moderno. A confusão por parte do deus é proposital para mostrar que “coisas novas” estão tomando o lugar das “coisas antigas”. Esse contraste é possível de ser observado, também, no momento em que Júpiter prova do vinho humano e diz “Oh! a cabra Amaltéia./Dava leite melhor que este vinho.” (p.5). O deus está insatisfeito com as coisas novas, há, nele, um saudosismo em que as coisas antigas são as que, de fato, são boas, as novas, nem tanto. Lidar com autores canônicos como Machado de Assis pode gerar antipatia da parte dos alunos não pelo que de fato são, mas por ser “velho”. Uma possível reflexão a ser levada para sala de aula, sobretudo nesse momento em que se estuda o Júpiter, é esse desprezo pelas novidades que muitos antigos possuem, presos a experiência do passado. Todavia, é importante mostrar que o apego apenas ao novo pode ser danoso para a compreensão do mundo. A peça de Machado era nova no tempo em que foi publicada, mas não deixou de dialogar com a literatura antiga, utilizando-se, inclusive, dos deuses e da mitologia. A literatura, em particular, e a arte, em geral, nunca deixa de dialogar consigo mesmo. Não há de tão novo que não se utilize de alguma técnica ou tema já consolidados em períodos anteriores e, também, não há nada antigo que não possa ser renovado e reutilizado em um contexto atual.

Na BNCC (2018), há uma habilidade específica sobre essas questões no campo artístico-literário:

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam. (BRASIL, 2018, p.252).

Nesse contexto, levar “Os deuses de casaca” para sala de aula pode ser enriquecedor para a experiência dos alunos. No entanto, antes de ser levada à sala de aula, o professor precisa estar disposto a fazer diálogos com obras mais recentes que possam ser trazidas pelos estudantes. Não é incomum que a mitologia greco-romana seja retratada por diversas mídias audiovisuais na atualidade. Ao criticar a postura do deus Júpiter em seu saudosismo é importante que o professor não seja encontrado tendo o mesmo tipo de postura. Nesse momento, deve haver uma troca entre professor e aluno. É o momento em que o docente se mostra aberto para conhecer as obras atuais que talvez estejam no gosto dos discentes e isso ser um marco de abertura para eles se disporem a conhecer mais das obras antigas, que em algum momento foram novidade.

No fim da peça, na cena XIII, Júpiter é convencido por Cupido a deixar sua condição divina e é perguntado por seus filhos, Marte e Apolo, qual seria sua profissão enquanto humano (MACHADO DE ASSIS, 2003, p.33):

MARTE:

(a Júpiter) A tua profissão?

APOLO:

Deve ser elevada e nobre, uma função
Própria, digna de ti, como do Olimpo inteiro.
Qual será?

Os filhos demonstram estar curiosos quanto a profissão do grande deus do panteão romano. O desfecho da peça se dá com a curta resposta de Júpiter:

JÚPITER:

(depois de refletir) Vou ser banqueiro!

(*ibid*)

A decisão do deus do trovão faz juz aos termos utilizados por Apolo “elevada”, “nobre” e “digna de ti”. Ter essa profissão na época em que Machado

escrevia tornava possível que fosse, ele mesmo, o banqueiro, dono do banco. Ser uma pessoa capaz de influenciar a economia diretamente, principalmente naquele momento histórico de ascensão da burguesia. Os banqueiros tinham, assim como todos os que detêm meios de produção, grande poder na sociedade, ainda maior que os políticos. Além da reflexão literária sobre obras antigas e modernas, pode-se incluir a ideia de como algumas pessoas, em especial, certas profissões e lugares sociais, como o dos banqueiros, recebem privilégios em detrimento de outras. Isso vale também para os demais personagens em suas referidas escolhas profissionais.

Por fim, é indispensável ressaltar o argumento que o Cupido utilizou para convencer o seu avô: a deusa Diana tornou-se humana ao lado de outras deusas. Júpiter passa a suspirar pela deusa enquanto tenta rebater os argumentos de seu neto. Ainda nostálgico, cai nas artimanhas de Cupido, em evocar os tempos de glória do Olímpiano. É curioso o fato de que Júpiter, sendo o último a ser convencido a tornar-se homem, decide pela mesma motivação que os demais, com exceção de Proteu e Vulcano, que são convencidos fora de cena, não sendo possível saber ao certo que argumento Cupido se utilizou para trazê-los para seu lado. No entanto, mesmo esses dois, é possível que tenham sido vencidos por suas paixões. Assim como já foi considerado anteriormente, e é algo que estará presente nos demais personagens, a escolha do deus foi livre? São os humanos livres em suas escolhas? Os alunos têm feito escolhas livres ou têm sido influenciados pelo contexto e tragado por suas paixões? Como eles têm decidido fazer o que fazem e o que farão? Tais questões devem aparecer com frequência, haja vista o “drama da escolha” estar totalmente presente na obra.

2.Mercúrio

Grimal (2011), em seu dicionário, diz

Mercúrio, o deus romano *Mercurius*, identifica-se com o Hermes grego. Como Hermes, protege os comerciantes (de resto, no seu nome encontra-se a raiz do vocábulo *merx*, que significa “mercadoria”) e os viajantes. Depois de sua helenização, é representado como o mensageiro de Júpiter e

mesmo, prazenteiramente, como seu servidor nas aventuras amorosas (por exemplo no Antitrião, de Plauto, peça em que não se distingue de Hermes). (p.306)

O Mercúrio, assim como Júpiter, é um dos que tem mais espaço em toda a peça. Nela, mantém sua característica de “deus mensageiro”. No contexto da obra, ele tem dificuldade em decidir qual profissão aderir em sua forma humana. Cupido tenta convencê-lo de entrar no ramo do “correio”, estando a serviço dele mesmo, o “amor”. Mercúrio recusa-se e aceita o conselho de Marte, seu irmão:

Vem comigo; entrarás na política escura.
Proteu há de arranjar-te uma candidatura.
Falarei na gazeta aos graves eleitores,
E direi quem tu és quem foram teus maiores.
Confia e vencerás. Que vitória e que festa!
Da tua vida nova a política... é esta:
Da rua ao gabinete, e do paco ao tugtirio,
Farás o teu papel, o papel de Mercúrio;
O segredo ouvirás sem guardar o segredo.
A escola mais rendosa é a escola do enredo.
(MACHADO DE ASSIS, 2003, p.29)

E a resposta de Mercúrio é:

Sou o deus da eloquência: o emprego é adequado.
Verás como hei de ser na intriga e no recado.
Aceito a posição e as promessas...
(*Ibid*)

Escolhe, por fim, tornar-se político. Proteu, como se verá mais adiante, decidiu pela vida política e Marte, deus da guerra, o impulsiona a utilizar suas habilidades de comunicação para o fim político. Como Proteu e Mercúrio estão ligados quanto a profissão, as aplicações pedagógicas possíveis para um podem ser aplicáveis ao outro. O deus mensageiro, da mesma forma que os demais, também é convencido por causa de sua paixão pela deusa Hebe, que também tornou-se humana.

3.Marte

Quanto a Marte, Grimal diz que

[...] é o deus romano identificado ao Ares helênico. Mas é muito antigo nas religiões itálicas, já existia antes da introdução de Ares. Naturalmente, a maior parte das lendas em que intervém, na literatura clássica, não são mais que transposições dos mitos gregos. Os amores de Marte e Vênus, por exemplo, por Lucrécio no princípio do seu poema *de natura rerum*, derivam da aventura amorosa de Afrodite e Ares, tal como é contada por Homero [...]. O mesmo se passa quanto à lenda que faz de Marte filho de Juno, tal como Ares o é de Hera. (p.291)

Na peça, assim como na mitologia romana, o que predomina é a associação com Ares. Marte é um dos personagens mais ativos da obra e pai do grande antagonista dos deuses: Cupido. O seu “caso” com Vênus, a deusa do amor e mãe do Cupido, permeia toda a sua trajetória no drama. É, inclusive, por ela, que o deus decide tornar-se humano. O deus da guerra é bastante influente ainda que tenha sido influenciado por seu filho. A escolha de sua profissão é um tanto quanto inusitada, pois opta pela “[...] guerra de papel” (MACHADO DE ASSIS, 2003, p.27). Machado está destacando, com isso, o poder que a escrita e as publicações possuíam em sua época. Marte, sendo o deus da guerra, abandona a guerra com a espada e opta por dividir pessoas a partir da “pena” (*ibid*). Ele decide pela área do jornalismo, ao que parece, em específico, pela área da crítica literária. Formar guerras com o seu próprio posicionamento sobre uma outra obra.

Nesse momento, pode-se levar os estudantes a pensar o papel da crítica literária. A fortuna crítica que já produzida pode fazê-los enriquecer seus posicionamentos sobre as obras que lerem e a reflexão deles quanto a aspectos que foram ou não percebidos. No entanto, é imprescindível destacar que a posição de um crítico não é a definitiva e última. Há discordância entre eles e o papel do professor nesse contexto é fomentar o pensamento crítico de seus alunos, não de meros repetidores de informações. Souza (2002), bem como outros autores, escrevem no sentido de tirar o estigma que a produção teatral de Machado de Assis obteve em meio à crítica na história. Assim, pontos de vistas tidos como hegemônicos, como o fato de Machado ser realista ou de ter tido uma fase romântica e outra realista, poderem ser postos a prova e não meramente recebidos. Todavia, deve-se ressaltar que o discordar por

discordar não é um posicionamento, é preciso organizar as ideias e, só então, expô-las. É papel do professor, ao discutir a caracterização das personagens, a estrutura da obra e a forma que uma crítica é organizada, instrumentalizar seus alunos a desenvolverem de modo lógico e coerente os seus próprios posicionamentos.

4. Proteu

“Proteu é apresentado na Odisseia como um deus do mar a quem fora confiada a tarefa de apascentar as focas e os outros animais marinhos pertencentes a Poseidon. Passava a maior parte do tempo na ilha de Faro, mas não muito longe da embocadura do Nilo. Possuía o dom da metamorfose, podendo converter-se em tudo o que desejasse: não apenas num animal, mas até num elemento como a água ou o fogo. Esta faculdade era-lhe particularmente útil, quando queria furtar-se às questões daqueles que o consultavam, pois possuía também o dom da profecia, mas recusava-se contudo a informar os mortais que o interrogavam.” (GRIMAL, 2011, p.398)

Machado de Assis se apropria dessas características de Proteu na mitologia e as utiliza em grande medida em sua peça. Na Cena VI, o deus do mar pergunta qual seria a senha para lhe fosse permitida a entrada na reunião entre os deuses que estava para ser feita e Júpiter lhe diz, mas logo em seguida faz uma correção:

Mas Proteu de senha não carece;
De aspecto e de feições muda, se lhe parece.
Basta vir...
(MACHADO DE ASSIS, 2003, p.13)

Do mesmo modo que na mitologia, Proteu é um deus metamorfo, capaz de mudar de forma. Mesmo não sendo um personagem tão ativo ao longo da obra, há, a partir dele, algumas reflexões que podem ser feitas sobre o contexto brasileiro. O deus metamorfo, após decidir deixar de ser divino e abraçar a humanidade, escolheu ser político como profissão. É uma clara crítica ao tipo de pessoa que costuma envolver-se nas questões executivas e legislativas de seu país, em específico do Brasil. Machado parece chamar o

seu público a pensar nas pessoas que foram e são colocadas para representar a população. Na cena XII, há o longo discurso feito por Proteu em que anuncia qual será sua profissão agora que é um mortal:

Quem? Eu?
Farei o que puder; e creio que me é dado
Fazer muito: o caso é que eu seja utilizado.
O dom de transformar-me, à vontade, a meu gosto
Torna-me neste mundo um singular composto.
Vou ter segura a vida e o futuro. O talento
Está em não mostrar a mesma cara ao vento.
Vermelho de manhã, sou de tarde amarelo;
Se convier, sou bigorna, e se não, sou martelo.
Já se vê, sem mudar de nome. Neste mundo
A forma é essencial, vale de pouco o fundo.
Vai o tempo chuvoso? Envergo um casacão.
Volta o sol? Tomo logo a roupa de verão.
Quem subiu? Pedro e Paulo. Ah! que grandes talentos!
Que glórias nacionais! que famosos portentos!
O país ia à garra e por triste caminho,
Se inda fosse o poder de Sancho ou de Martinho.
Mas se a cena mudar, tão contente e tão ancho,
Dou vivas a Martinho, e dou vivas a Sancho!
Aprendi ó meu pai, estas coisas, e juro
Que vou ter grande e belo um nome no futuro.
Não há revoluções, não há poder humano
Que me façam cair...
(*ibid*, p.28)

Nele, inúmeras questões podem ser suscitadas e levadas à sala de aula. No trecho “O talento/ Está em não mostrar a mesma cara ao vento”, é possível considerar a questão da dissimulação, também observável no trecho “Neste mundo/ a forma é essencial, vale pouco o fundo”. É visível nessa representação a figura do político que finge abraçar a população com propostas diversas, mas no fundo não tem intenção alguma de cumprir suas promessas e não se interessa de fato com o bem estar do povo. A capacidade de transformar-se no que quiser é o meio mais poderoso que o deus dos mares pode utilizar para ser bem sucedido enquanto ser humano. Da mesma maneira, pessoas dissimuladas utilizam dessa habilidade para ter ganhos em detrimento da perda de outrem.

Os alunos de ensino médio, mais especificamente os do 2º e 3º ano do ensino médio, considerando as faixas etárias para cada ano, já estão aptos a participarem dos pleitos eleitorais no Brasil, haja vista a possibilidade de obter

o título de eleitor aos dezesseis anos de idade. O professor, habilmente, pode aproveitar essa condição para levá-los a refletir sobre os candidatos em quem eles decidem votar. Nesse momento, a sala de aula pode se tornar um campo de batalha, considerando que é bem provável que haja entre os alunos pensamentos políticos diversos, sobretudo, opostos em entre. Todavia, para além de simplesmente apresentar um ou outro candidato que seja melhor ou pior, a proposta aqui é fazê-los refletir, pois, mesmo os candidatos alinhados com as propostas políticas defendidas por eles, isso não lhes garante que ele se empenhará para que tais ideias saiam do papel. É preciso ir além das palavras e conhecer a fundo em quem se deposita confiança. Afinal, a forma “aparência” é essencial.

Ainda sobre a questão da “aparência”, ou “forma”, pode-se utilizar esse momento para fazer os alunos refletirem sobre como, mesmo com mais de dois séculos de distância entre a obra de Machado e os tempos atuais, a ideia de que o externo é mais importante do que o interno se perpetua. Nesse contexto, disciplinas como a filosofia e a literatura têm perdido espaço para disciplinas mais tecnicistas, disciplinas mais reflexivas e profundas vêm sendo desprezadas em detrimento das que pouco se precisa pensar e são, em si, rasas.

5.Vulcano

Vulcano é identificado com Hefesto, deus do fogo e da metalurgia. Sua história está relacionada com a história de Marte por ter sido marido de Vênus, com quem seu irmão teve um caso e, na peça, permanece apaixonado. No entanto, o deus do fogo não tem grande destaque na obra de Machado. Não há menção de nenhuma deusa por quem tenha se apaixonado. Sua conversão à humanidade ocorre fora de cena, assim como a de Proteu. A grande reflexão a ser pensada em Proteu pode ser conectada a Marte. Vulcano diz: “Se a guerra neste tempo é de peso ou de alçaço,/ Mudo de profissão: vou fazer penas de aço!” (MACHADO DE ASSIS, 2003, p.8). Se existe a “guerra de papel”, da qual Marte se torna, então, o deus. Vulcano é o produtor dos instrumentos desse novo tipo de guerra.

Com ele, pode-se, uma vez mais, discutir o assunto relacionado à importância das publicações. No contexto atual, não se usa mais a caneta como arma, pois a internet é para os dias atuais o que as bancas de jornais eram na época de Machado. Levar os alunos a refletir em como os meios em que os posicionamentos e opiniões podem ser colocados e confrontados serão sempre locais de guerra, sejam físicos ou não.

6.Apolo

Sobre o deus Apolo, Grimal (2011) diz “[...] é um deus que pertence à segunda geração do Olímpicos, filho de Zeus e de Latona e irmão da deusa Ártemis.” (p.32), além de que

[...] era representado como um deus muito belo, de elevada estatura, notável pelos seus longos cabelos negros, de reflexos azulados, como a pétala da violeta. Também teve numerosos amores, com ninfas e com mortais.” (*ibid*)

Na peça de Machado, Apolo é retratado de maneira bem simples, tendo sua paixão voltada para a esposa de Júpiter, Juno, que, como as demais, tornou-se humana. O maior destaque está no deus da beleza aderir a profissão de poeta. É até questionável pensar no ser “poeta” como um trabalho, pois há quem diga que seja mais apropriadamente uma vocação. De qualquer forma, Apolo pretende escrever sobre a realidade, mas, diferente do historiador, fará isso de maneira a captar o universal, aquilo que diz respeito não apenas ao indivíduo histórico, mas a todos, como disse Aristóteles (2017).

Com o estudo sobre a personagem do deus Apolo, a reflexão sobre o que é a beleza e o belo não estão distantes. O que o poeta tem a dizer sobre a beleza? Afinal, a poesia é carregada dela, ou pelos espera-se que seja. Machado ao carregar a sua comédia com momentos líricos dá a ambientação apropriada para esse tipo de pensamento. Inclusive, o próprio autor, naquele momento já havia publicado poemas, o que lhe caracterizava, no mais estrito uso do termo, poeta. Levar essa reflexão, sobre o poeta, juntamente com o do

crítico literário, enriquecerá a experiência, pois por um lado, o aluno é levado a posicionar-se racionalmente sobre uma obra, do outro, a partir de uma oficina literária, poderá se colocar na posição de poeta e produzir um poema. A ideia é possibilitar aos alunos o máximo de experiências possíveis a fim de que agreguem em sua formação enquanto indivíduo.

7.Cupido

O Cupido é identificado como o Eros da mitologia grega clássica. Ele é o deus do amor. Filho de Marte e Vênus. É sugestivo que ele seja filho da deusa do Amor e o deus da guerra. Na mitologia, possui a capacidade de, com seu arco, atirar flechas e apaixonar alguém indivíduo por um outro. Não é incomum nos relatos mitológicos o deus do amor fazendo deuses ficarem enamorados, inclusive. Em “Os deuses de Casaca”, ele tem como função principal a de antagonista. Ao longo das cenas, vai convencendo os demais deuses a partir de suas paixões a aceitarem que os tempos são outros, não faz mais sentido haver os “deuses do Olimpo”. Um a um, vão os deuses sendo convencidos e convertidos à natureza humana. No fim, diz ele mesmo, um brado de vitória: “Venci!” (MACHADO DE ASSIS, 2003, p.33).

Desde o início, a ideia de que as “pessoas” podem ser influenciadas por outrem é apresentada. No entanto, o Cupido, o principal influenciador da obra, tem seu êxito. Até então, foi sugerido que fosse trabalhado a ideia do “drama das escolhas” no sentido de ser levado a tomar decisões, mas com o Cupido é possível fazer os alunos pensarem em quão decididos podem estar em mudar a opinião dos outros. No meio jornalístico, como foi com Marte, no meio político, como foi com Proteu e Mercúrio, o convencimento é, basicamente, parte do seu ofício. Todavia, Cupido não é apresentado como alguém cujo ofício seja convencer os deuses. Seus motivos não são apresentados. Ele quer que os deuses se tornem humanos por motivos próprios, pessoais. Há, na realidade, pessoas que são assim, manipuladoras. Levar isso para a sala de

aula pode gerar bons frutos, sobretudo, por serem essas características psicológicas de outros personagens famosos da cultura pop.

4.2. Sequência expandida de “Os deuses de casaca”

A partir das reflexões pedagógicas e educacionais anteriormente dispostas na análise da obra de Machado de Assis, pode-se construir uma sequência didática aplicável ao 2º ano do ensino médio. Considerando que a realidade das escolas são diversas, tentou-se utilizar de maneiras de fácil acesso ou com o custo de obtenção mais baixo para que possa ser reproduzido tanto em escolas particulares quanto públicas. A princípio, como a obra “os deuses de casaca” de Machado de Assis está em domínio público, é fácil obtê-la na internet sem custos em formatos digitais, mas, caso seja possível à escola, ou se já houver disponível na biblioteca, utilizar cópias físicas do livro.

Motivação e introdução

Como atividade de motivação, pode-se utilizar a canção “Será” da banda Legião Urbana. A música trata da incerteza do futuro e sobre a responsabilização pelas atitudes no presente. Nesse momento, de maneira breve, o professor pode perguntar aos alunos as impressões sobre a canção e expectativas quanto ao seu próprio futuro. O “drama das escolhas” já abordado na análise de “Os deuses de casaca” pode aparecer desde aqui, pois é bem provável que os alunos apresentem seus interesses profissionais e as influências que o levam a querer tal objetivo. A canção pode ser apresentada em slideshow, se for possível, para que os alunos acompanhem a letra ao mesmo tempo que ela toca, caso não, tentar levar cópias impressas para que as leiam.

Depois, o professor deve ler com os alunos o prefácio escrito pelo José Feliciano de Castilho e a fala da personagem Prólogo, antes da cena I. Nesse momento, será feita uma breve exposição de que se trata a peça a partir do que estava disposto nos trechos lidos. Uma vez mais, o professor deve

perguntar aos alunos o que acharam, primeiras impressões do que foi lido e expectativas quanto a como será a leitura da obra. Logo em seguida, o docente os deixará alerta para a possibilidade de produzirem algo para a culminância das atividades relacionadas à peça de Machado de Assis. A ideia é que possam se expressar, conforme a BNCC:

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/ problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins. (BRASIL, 2018, p.511).

Leitura e primeira interpretação

No momento da leitura, o professor estipulará duas semanas para que seja lida a peça na íntegra. O tempo pode ser encurtado para uma semana ou expandido para três semanas a depender da turma. É importante contar com a flexibilidade no tempo, pois, apesar da curta extensão da obra, é possível que eles não tenham familiaridade com a leitura de uma maneira geral, o que pode dificultar a experiência do discente. Logo em seguida, no momento da primeira interpretação, se pedirá um ensaio, feito de maneira livre, para que os alunos possam se expressar quanto a experiência de leitura. Durante o período da leitura, o professor pode seguir contextualizando a obra e lendo, gradualmente, a peça em sala de aula. Mesmo com a entrega dos livros físico ou digitalmente, alguns alunos costumam não ler a obra e lê-la na íntegra pode ser um meio para alcançar aqueles que não se engajam. Uma forma de organização que o professor pode adotar é ler uma certa quantidade de cenas por aula. A peça tem um total de treze cenas, além do prólogo e do epílogo. Em duas semanas, considerando um total de quatro aulas semanais, é possível ler duas cenas por aula e discuti-las. Para evitar o prolongamento exaustivo da leitura, é possível ler mais cenas por aula. É preciso que o professor seja sensível ao seu contexto.

Contextualização e segunda interpretação

Na contextualização, o professor deve apresentar possibilidades de materiais para serem utilizados pelos alunos para ampliar a percepção da obra. Os textos utilizados na análise podem ser úteis se forem lidos com a mediação do professor para eventuais dúvidas que sejam mais próprias do contexto acadêmico. O professor pode reservar duas aulas para apresentar e interagir com os alunos quanto a análise mais pormenorizada da obra e seus desdobramentos na vida dos alunos. É o momento apropriado para pôr em prática o que a BNCC diz em:

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica. (BRASIL, 2018, p.525).

Segunda interpretação e expansão

Por fim, os alunos devem produzir, a partir dos conhecimentos prévios e os construídos na contextualização, uma apresentação que pode ser individual ou, no máximo, em duplas. Os alunos terão liberdade para elaborar canções, paródias, apresentar a peça de Machado com alguma releitura particular deles, poemas, dentre outras atividades culturais. O importante nesse momento é que os alunos possam aproveitar o momento para, emendando com a expansão, conectar a obra lida, com outras obras, também apresentadas no momento da contextualização. É um momento de unir o aprendizado com a ludicidade.

5.Considerações finais

A obra teatral de Machado de Assis é riquíssima, ainda que, infelizmente, desvalorizada. Da mesma forma, as narrativas mitológicas possuem muito a nos fazer refletir. Assim, analisar e levar para a sala de aula reflexões literárias e filosóficas que vão além da educação formal pode tornar o ambiente mais humanizado e proveitoso tanto para o docente quanto para os discentes. A educação não pode se limitar a falar sobre a literatura, mas, também, levá-las para serem lidas e interpretadas no ambiente educacional.

Todavia, não apenas obras canonizadas, como seria com “Dom Casmurro” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas” do mesmo e genial Machado de Assis, mas obras ainda pouco estudadas e de menor visibilidade, como “Os deuses de casaca”. Este trabalho não esgota todas as possibilidades da genialidade do autor em sua obra, nem poderia fazê-lo, tampouco abrange todas as possibilidades de aplicação pedagógica, mas espera-se que tenha contribuído de alguma forma para o debate pedagógico que envolve a literatura machadiana e a mitologia.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. Poética; edição bilíngue; tradução e notas de Paulo Pinheiro. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

BERNANDO, Gustavo. O Problema do realismo de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GRIMAL, Pierre. Dicionário da Mitologia Grega e Romana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PEIXOTO, Enock da Silva. A mitologia e a tragédia como formas de pensar a educação. Rio de Janeiro: Revista Educação Pública, 2017.

PINHEIRO, Gabriela Maria Lisboa. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEATRO DE MACHADO DE ASSIS. Machado de Assis em linha, n. 4, pp 141-151, dez, 2009.

PINTO, Nilton de Paiva. O TEATRO DE MACHADO DE ASSIS – 1860-1870: Uma alternativa na dramaturgia brasileira. 2020. Tese (Doutorado em Letras - Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2020.

ROSENFELD, Anatol. A Teoria dos Gêneros. In: _____. Teatro Épico. São Paulo: Editora Perspectivas, 1985.

SCHIAVINATTO, Gustavo Alberto. A crítica teatral de Machado de Assis. Todas as Musas, n. 2, pp 246-261, jan-jun, 2011.

SOUZA, Isabel Cristina Alvares de. OS DEUSES DE CASACA: UMA PALAVRA SOBRE O TEATRO DE MACHADO DE ASSIS. Argumento, n. 7, pp 55-70, abr, 2022.

TEATRO DE MACHADO DE ASSIS, org. de João Roberto Faria, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIEIRA, Anco Marcio Tenório. O que é e o que não é literatura? In. Repensando a teoria literária contemporânea. Org. João Sedycias; apresentação de Cíntia Moscovich. Recife: Editora UFPE, 2015.